

## Conferência de Pajés na Amazônia<sup>1</sup>

Bia Labate, de Manaus

Você consegue imaginar autênticos pajés da Amazônia, que mal falam português, numa reunião discutindo coisas como biotecnologia, bioprospecção e propriedade intelectual? Pois é, é isto que a Fundação Estadual de Política Indigenista, um braço do governo Amazonino Mendes, promoveu de 22 a 25 de agosto de 2002 em Manaus. Ou tentou promover.

O objetivo era reunir pajés, lideranças indígenas, representantes do governo e de agências de pesquisa – entre eles, a Fundação Nacional do Índio, o Instituto Nacional de Propriedade Intelectual, o Itamaraty, o Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia e a Fundação Oswaldo Cruz, para debater políticas públicas de proteção do conhecimento tradicional indígena associado à biodiversidade (*veja ao lado*).

As doze etnias presentes firmaram a *Carta de Manaus*, onde exigem que a realização de pesquisas científicas ou comerciais a respeito dos conhecimentos tradicionais e do patrimônio genético existente em território indígena seja submetida ao consentimento prévio das comunidades. Também exigem o direito de negar o acesso a estas pesquisas e uma repartição justa dos benefícios delas derivado. Segundo Álvaro Tukano, líder do Rio Negro, “os pajés não confiam mais nos pesquisadores. Eles entenderam que todas as informações que dão viram mercadoria”.

---

<sup>1</sup> Ver: <http://www.terramistica.com.br/index.php?add=Artigos&file=article&sid=160&ch=6>

Nos bastidores do evento corria chumbo grosso. Órgãos importantes expressaram preocupação com a sua legitimidade. A COAIB, que reúne 75 organizações indígenas, acusou o governo de “não ouvir os índios”; o Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia definiu como “precipitada” a iniciativa de usar a reunião para definir políticas públicas. Havia algo surreal no ar. Índios circulavam com pastas cheias de documentos; traduções esporádicas eram feitas. A platéia podia identificar uma ou outra palavra em português, como “patente”, “FMI” – nem sempre as mesmas que haviam aparecido na fala dos especialistas...

O líder Davi Kopenawa, que está pleiteando junto ao governo dos EUA a devolução do sangue Yanomami “roubado” por pesquisadores, disse não entender bem o conteúdo da discussão. Porém foi ele quem articulou a retirada da carta de uma cláusula para criar um banco de dados sobre os conhecimentos tradicionais – visto com bons olhos pelas superpotências. A sistematização destes conhecimentos envolve controvérsia. A sua confidencialidade sendo incerta, equivaleria a “entregar o ouro ao bandido”. Indagado a respeito, eis o que me disse: “Tomamos *Yacuana* [um alucinógeno, *Virola spp*] para tirar as letras que não estavam deixando a gente feliz. O branco não perguntou se a gente queria ‘banco de dados’. *Xabori* [Espírito Criador] falou que está ruim. Com índio é assim: vamos nos defendendo com os nossos próprios meios”. Coisas de pajé.

#### **Dicionário:**

*Biodiversidade*: todas as espécies de plantas, animais e microorganismos, além dos ecossistemas e processos ecológicos dos quais fazem parte.

*Biotecnologia*: técnicas que usam organismos vivos ou partes destes para produzir ou modificar produtos, melhorar geneticamente plantas ou animais, ou desenvolver

microorganismos. Suas técnicas utilizam conhecimentos da engenharia genética, biologia molecular e celular e outras disciplinas.

*Bioprospecção*: atividade de investigação de determinada área para a identificação, coleta e utilização de componente do patrimônio genético, com fins de pesquisa, conservação, aproveitamento industrial ou comercial.

*Direitos de propriedade intelectual*: proteção de uma invenção da mente humana através do uso de instrumentos legais, como patentes, direito de autor, marcas, segredos comerciais etc.

*Patrimônio genético*: conjunto de recursos genéticos (plantas, animais e outros organismos) de uma região ou país. Seu potencial econômico gera disputas.